

Gestão de imagem e plataformização do afeto: Transformações de aplicativos de relacionamento em ferramentas de exclusão identitária da comunidade LGBTQIAPN+¹

Pedro Lucas Rubim²
Ricardo Ferreira Freitas³
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Resumo

Este artigo investiga como a plataformização do afeto e a gestão da imagem impactam as experiências afetivas e performáticas de pessoas LGBTQIAPN+ em aplicativos de relacionamento, com foco no Grindr. A partir de uma abordagem qualitativa, com netnografia e análise narrativa, analisa-se como essas plataformas reforçam normas de gênero, exclusões identitárias e relações precárias mediadas por algoritmos. Dialogando com estudos queer, comunicação e antropologia digital, o artigo evidencia como o desejo, a identidade e o afeto são moldados por lógicas de mercado e governança algorítmica, apontando para as dinâmicas de visibilidade, controle e exclusão nesses espaços digitais.

Palavras-chave:

Plataformização; Afeto; Grindr; LGBTQIAPN+; Gestão de Imagem.

1. Introdução

Este trabalho tem como tema a gestão da imagem e a plataformização dos afetos no contexto das interações digitais contemporâneas. O objeto de análise são as narrativas, práticas e performances identitárias de pessoas LGBTQIAPN+ em aplicativos de relacionamento voltados para essa comunidade, com foco na plataforma “Grindr” e na forma como essa plataforma molda tanto as experiências de construção de afeto e desejo quanto a representação de si.

A escolha do aplicativo Grindr justifica-se por ser uma plataforma voltada para homens gays e bissexuais, aberto também para outras identidades da comunidade LGBTQIAPN+. Ao contrário de outros aplicativos de relacionamento que utilizam o “match”, o Grindr se constitui como uma grade de perfis abertos mostrados a partir da geolocalização. O discurso de uma plataforma de livre escolha e interação entre os

¹ Trabalho apresentado na II05 – Comunicação, Cultura Digital e Tecnologias, da Intercom Júnior – 21ª Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Graduação, 6º Semestre, do Curso de Relações Públicas da Faculdade de Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, e-mail: pedrubimg@gmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor Titular da Faculdade de Comunicação Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Doutor em Sociologia pela Université Paris V (René Descartes). Pesquisador PQ2 do CNPQ e Cientista do Nosso Estado da Faperj. rf0360@gmail.com

perfis e de alguma forma “segura” para o flerte constrói a visão de que o aplicativo é isento de algoritmos e principalmente de lógicas de exclusão da sociedade.

De caráter qualitativo, a pesquisa se fundamenta em métodos de análise narrativa (Bastos; Biar, 2015), e netnografia (Kozinets, 2014; Soares, Stengel, 2021), articulando observação de interfaces, perfis e interações com análise crítica das práticas discursivas nesses espaços. E será orientada por uma abordagem interdisciplinar, situada entre os estudos da comunicação, a sociologia do corpo, a teoria queer e os estudos de gênero e sexualidade. Ao abordar a plataforma do afeto como um processo comunicacional, propõe-se pensar os aplicativos de relacionamento como dispositivos midiáticos normativos, que não apenas mediam interações, mas estabelecem lógicas de reconhecimento e exclusão (Grohmann, 2016). O que está em jogo é uma pedagogia do afeto, que regula o desejo e a performatividade de gênero (Foucault, 1976; Louro, 2004), por meio da visibilidade digital.

O objetivo geral é compreender como essas plataformas operam como dispositivos de mediação simbólica e normativa, produzindo efeitos subjetivos, sociais e afetivos nos usuários. (Grohmann, 2016) Como objetivos específicos, busca-se: (1) analisar as narrativas e performances identitárias presentes nos perfis, inicialmente 3 perfis; (2) refletir os impactos da plataforma na constituição de vínculos, afetos e pertencimentos na comunidade LGBTQIAPN+; (3) analisar a comunicação institucional da plataforma nas redes sociais; e (4) como os corpos estão representados nos produtos de comunicação.

2. O Afeto na Era da Plataformização

Vivemos em uma era em que os afetos, os desejos e as identidades são atravessados, moldados e performados por meio de interfaces digitais (Martino, 2014). Essas interfaces estão inseridas em um cenário de plataforma, que denota a crescente dependência de mecanismos de plataformas em diversos setores da vida. Isso inclui as implicações em processos de extração de valor, mudanças no controle e organização do trabalho com dataficação e gerenciamento algorítmico, e a vigilância (Karhawi, Prazeres, 2022). No meio desse cenário, os aplicativos de relacionamento ocupam um papel central como dispositivos de mediação afetivo-sexual e como áreas que se vendem com o discurso de serem seguras para a visibilidade e a

performatividade identitária. Para a comunidade LGBTQIAPN+, historicamente marginalizada nos espaços normativos do desejo e da afetividade no cotidiano social, esses aplicativos se apresentam como espaços ambivalentes, inerentes à lógica da plataforma: ao mesmo tempo em que oferecem visibilidade e possibilidade de encontro, também operam como mecanismos de regulação, filtragem e normatização das formas de amar, desejar e existir, por meio dos algoritmos e de regras muitas vezes não explícitas (Grohmann, 2016).

Essa ambivalência pode ser compreendida a partir da perspectiva de Ferraz (2017), que entende os afetos não apenas como emoções individuais, mas como construções coletivas e comunicacionais que atravessam os corpos, os discursos e as linguagens. Os afetos, nesse sentido, são dispositivos de poder que circulam e produzem sentidos, marcando pertencimentos e exclusões, desejos e repulsas, sendo fundamentais para compreender como o medo, o desejo e a vulnerabilidade são modulados nas interações digitais. As interações digitais não apenas conectam pessoas, mas também produzem e intensificam vínculos emocionais, marcados por performances identitárias e afetivas (Silva Jr. e Farbiarz, 2024), assim, os aplicativos de relacionamento não apenas conectam pessoas, mas também mediam e produzem afetos que reforçam ou desafiam estruturas normativas.

Os perfis do aplicativo funcionam como palcos de encenação, onde o “eu” se organiza conforme expectativas do público e das interfaces (Goffman, 1995). Judith Butler (2015), por sua vez, nos ajuda a compreender como essas performances identitárias são repetidas e legitimadas conforme normas culturais, ampliando a compreensão da gestão da imagem para além da estética, e incluindo os regimes de poder que estruturam o reconhecimento social. Essa fluidez relacional e a instantaneidade que o aplicativo oferece traz o conceito de "amor líquido" de Bauman (2003), no qual as conexões afetivas são voláteis, consumíveis e descartáveis.

A midiática dessas performances reforça o que Muniz Sodré (2006) entende a mídia como espelho fragmentado, ou seja, a mídia não apenas reflete o social, mas participa ativamente da constituição do sujeito, oferecendo espelhos fragmentados nos quais ele se vê e se constrói - no caso do nosso estudo, a mídia é a exposição às interações dentro do aplicativo. Já David Le Breton (2009) pensa o corpo como texto e interface comunicacional. Assim, os corpos LGBTQIAPN+ não apenas se expressam

nesses aplicativos; eles são interpretados, filtrados e classificados segundo métricas algorítmicas, como se fossem marcas pessoais disputando atenção em um “mercado do desejo”.

Os discursos de apresentação no Grindr revelam como os sujeitos performam identidades que negociam masculinidade, feminilidade e pertencimento social (Grohmann, 2016), reafirmando hierarquias simbólicas e normas sociais internalizadas. Esses discursos reproduzem padrões estéticos e normativos que excluem o diferente e promovem uma padronização da diversidade. Tal fenômeno mostra como os sujeitos aprendem e reiteram normas de gênero e desejo nos diversos espaços sociais (Louro, 1999), incluindo os digitais.

3. História e Funcionamento do Grindr

Lançado oficialmente em março de 2009, o Grindr foi criado por Joel Simkhai como uma plataforma de encontros geolocalizados voltada inicialmente para homens gays e bissexuais. O aplicativo permite que os usuários visualizassem, em tempo real, outros perfis próximos geograficamente. Ou seja, a lógica de funcionamento Grindr está ancorada na geolocalização e na exibição de uma grade de perfis em ordem de proximidade. Ao contrário de aplicativos que operam por “*match*”, o Grindr permite que qualquer usuário envie mensagens a outro perfil, sem que haja uma aceitação prévia. Essa característica reforça a ideia de livre escolha, mas também expõe os usuários a dinâmicas de assédio, exclusão e objetificação.

Segundo o *The Guardian*, atualmente, com mais de 13 milhões de usuários ativos mensais, a plataforma está presente em mais de 190 países.⁴ Seu modelo de negócios inclui a oferta de recursos pagos, como filtros avançados de pesquisa e aumento de visibilidade, além da exibição de anúncios publicitários. (Grindr Inc., 2025)

3. IMAGEM PESSOAL: ANÁLISE DOS PERFIS

Ao observar esses espaços mediados tecnologicamente como plataformas de produção simbólica, este estudo propõe-se a examinar, a partir da netnografia, como o aplicativo e as narrativas construídas por seus usuários atuam como agentes comunicacionais que (re)configuram identidades, regulam comportamentos e

⁴ The Guardian, ‘There’s a gay bar in my pocket!’: how 15 years of Grindr has affected gay communities and dating culture. Disponível em: https://www.theguardian.com/technology/2024/mar/25/theres-a-gay-bar-in-my-pocket-how-15-years-of-grindr-has-affected-gay-communities-and-dating-culture?utm_source=chatgpt.com. Acesso em: 19/06/2025.

condicionam relações afetivas – centralizando a análise em aplicativos voltados ao público LGBTQIAPN+, com ênfase no Grindr.

A netnografia é um método utilizado para a análise de mídias sociais que adapta os procedimentos etnográficos comuns de observação participante às peculiaridades da interação social mediada por computador, utilizando essas interações como fonte de dados (Soares, Stengel, 2021). Utiliza-se a netnografia para análise dos perfis e das interações dentro do aplicativo a fim de entender como as ferramentas da plataforma, as linguagens e até mesmo os elementos visuais, como fotos e *emojis*, e os diferentes significados atribuídos a coisas e pessoas a partir do ponto de vista dos nativos de determinados grupos ou comunidades online (Kozinets, 2014). Embora seja uma variação da etnografia tradicional, a netnografia não se caracteriza pela transposição exata do método etnográfico para os ambientes online, mas sim pela adaptação de seus pressupostos filosóficos à realidade digital (Soares, Stengel, 2021).

A netnografia foi escolhida por sua capacidade de investigar interações em ambientes online de forma contextualizada, permitindo uma imersão nas práticas discursivas e simbólicas dos usuários do Grindr (Grohmann, 2016). Diferentemente da etnografia tradicional, que demanda presença física e observação em campo (Ferraz, 2019), a netnografia se adapta à natureza digital do objeto, focando nas interações mediadas por computador (Soares, Stengel, 2021). Ela se distingue da etnografia digital por sua ênfase na adaptação de princípios etnográficos a comunidades online, enquanto a etnografia digital pode abranger um escopo mais amplo de fenômenos digitais (Soares, Stengel, 2021). Dada a sensibilidade dos dados, foi realizada uma coleta e análise de perfis públicos, respeitando a privacidade dos usuários e anonimizando as informações sensíveis.

A gestão da imagem pessoal nesses ambientes não é apenas um exercício de expressão individual. A imagem pessoal pode ser compreendida como um dispositivo estratégico de representação, um signo performativo e relacional, carregado de intencionalidade, que organiza a forma como os sujeitos desejam ser percebidos no espaço social (Goffman, 1995). A construção simbólica da imagem pessoal está profundamente relacionada ao capital simbólico e às disputas por reconhecimento e legitimidade em determinados campos sociais (Bourdieu, 1989). Assim, a imagem pessoal nesses ambientes digitais opera não apenas como expressão da subjetividade,

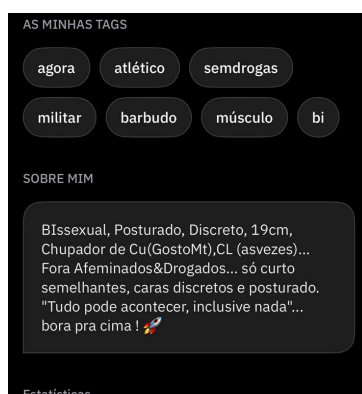
mas como uma prática comunicacional orientada por estruturas de poder, visibilidade e distinção. (Grohmann, 2016)

Imagem 1:



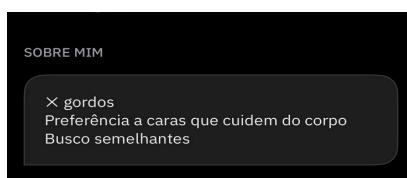
Acesso em: 19/05/2025

Imagem 2:



Acesso em: 15/06/2025

Imagem 3:



Acesso em: 16/06/2025

Para a análise do aplicativo foram selecionados 3 perfis, seguindo o critério da descrição textual sem que tivesse alguma forma de preconceito, como racismo, gordofobia, etarismo e preconceito de classe, no período de maio a junho de 2025, por geolocalização da Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro. Os perfis evidenciam uma

performance identitária fortemente ancorada em signos de masculinidade hegemônica e exclusão de expressões dissidentes dentro da própria comunidade LGBTQIAPN+. A escolha por uma foto sem rosto, focada exclusivamente no peitoral e abdômen, descrições nos perfis com palavras que se relacionem à heteronormatividade demonstra um gerenciamento intencional da imagem pessoal, o que Goffman (1995) chama de uma “performance de fachada”, em que o sujeito expõe apenas os atributos que deseja que sejam percebidos pelo público-alvo. Trata-se de uma gestão seletiva da visibilidade, orientada por estratégias de autopromoção e distinção no campo social digital.

Ao escolher ocultar o rosto e destacar o corpo, o sujeito reafirma uma narrativa visual em que o valor social está centrado no capital corporal (Bourdieu, 1989), sinalizando atributos como força, virilidade e controle físico – qualidades socialmente valorizadas em determinados segmentos da comunidade gay, como aponta Grohmann (2016). Essa escolha também pode ser analisada através da netnografia (Soares, Stengel, 2021), que nos permite compreender como tais narrativas são coletivamente construídas e compartilhadas em um ambiente digital específico, sujeito às lógicas algorítmicas de visibilidade e ordenação de perfis, no qual as narrativas e comportamento não foram observados apenas nos perfis selecionados para a análise inicial, mas como uma forma de “padrão” de construção dentro da plataforma, em que a maioria dos perfis observados continham uma das características observadas nos perfis da Imagem 1, Imagem 2 e Imagem 3.

A descrição textual reforça ainda mais esse regime de normatividade. Os termos “discreto” e “posturado” funcionam como marcadores linguísticos que delimitam o tipo de masculinidade desejada e valorizada no campo de interação. Como observa Grohmann (2016), “a marcação de masculinidade se tornou um dos principais filtros discursivos na apresentação de perfis”. Já a frase “sem afeminados” revela uma política de exclusão explícita, instaurando uma fronteira identitária entre o que é considerado desejável e o que deve ser rejeitado.

Esse tipo de discurso materializa o que Foucault (1976) denomina dispositivos de regulação do desejo, mecanismos discursivos que classificam, normatizam e hierarquizam os corpos e as subjetividades. A masculinidade aqui apresentada não é apenas uma escolha pessoal, mas um produto cultural e histórico, construído e reforçado através de práticas discursivas e mediadas digitalmente.

A recusa explícita a "afeminados" reforça o que Louro (2004) chama de pedagogias de gênero, ou seja, um processo educativo, muitas vezes não formal, no qual os sujeitos aprendem a regular suas expressões de gênero conforme padrões hegemônicos internalizados (Grohmann, 2016). O conceito de masculinidade hegemônica aponta para a existência de masculinidades subalternas, que sofrem desprestígio em relação às formas mais valorizadas de masculinidade, podendo ser observadas em diversos contextos.(Simon, 2015)

Trata-se de um exemplo claro de como a performatividade de gênero, conceito trabalhado por Butler (2015), é reiterada em espaços digitais através de "micropráticas" de exclusão.(Grohmann, 2016) A exposição no aplicativo põe em cena valores e comportamentos que têm relação direta com as masculinidades, porém contribuindo para a quebra de unidade e de harmonia que seria a base homogênea da composição masculina (Simon, 2015) para o contexto de relações homoafetivas entre homens essa quebra se dá não pela definição de gênero masculino, mas pela forma de performatividade para a disputa do desejo e a construção de um perfil considerado mais “ másculo”.

Essas "micropráticas de exclusão" referem-se a ações ou discursos sutis, mas recorrentes, que reforçam normas e hierarquias sociais, marginalizando identidades que não se encaixam nos padrões dominantes (Grohmann, 2016). No contexto dos perfis do aplicativo Grindr, isso se manifesta na exclusão de corpos "afeminados" ou "gordos".

Essas práticas operam no nível da interação cotidiana (Bastos, Biar, 2015), contribuindo para a normatização e a exclusão em espaços que, a princípio, deveriam ser inclusivos. No ambiente online, a repetição exaustiva desses discursos e a busca por percepções socialmente construídas que visam tão somente passar imagens, ideias e percepções que são aceitas e desejadas (Soares, Stengel, 2021) tornam essas micropráticas ainda mais visíveis e impactantes.

Considerações Finais

O trabalho propõe analisar como a gestão da imagem e a plataformização dos afetos moldam as performances identitárias LGBTQIAPN+ no Grindr. A partir da netnografia (Kozinets, 2014; Soares, Stengel, 2021) e da análise narrativa (Bastos, Biar, 2015), foi possível compreender que as interações na plataforma não são neutras, mas

atravessadas por lógicas de visibilidade, reconhecimento e exclusão (Foucault, 1976; Grohmann, 2016).

As práticas discursivas observadas evidenciam como os sujeitos constroem e regulam suas identidades segundo normas culturais de gênero e desejo (Butler, 2015; Louro, 2004), reforçadas pelas interfaces algorítmicas e pelas pedagogias do afeto (Louro, 2004). As imagens, descrições e interações refletem processos de distinção social e disputas por capital simbólico (Bourdieu, 1989), com forte presença de padrões de masculinidade hegemônica (Grohmann, 2016) e consumo emocional imediato (Bauman, 2003).

Conclui-se que o Grindr, como dispositivo midiático, não apenas media, mas também normatiza as formas de existir, amar e desejar na contemporaneidade, reafirmando hierarquias sociais mesmo em espaços que se apresentam como inclusivos. Trazendo a hipótese de que essa precarização das relações afetivas da comunidade LGBTQIAPN+ pode ser uma ferramenta de lucro para a plataforma, e a necessidade constante da busca por parceiros leva o usuário a assinar as ferramentas extras que a plataforma oferece para alcançar a construção de relações com outros usuários que cumpram as expectativas de masculinidade, raça, idade e peso que são considerados “ideais”. Essas ferramentas referem-se a recursos pagos oferecidos pelo Grindr, como filtros de pesquisa avançados, o recurso "Quem Me Viu" que permite ver quem visitou seu perfil, a opção de "navegar de forma invisível", e o aumento da visibilidade do perfil ("Boost"), que permitem ao usuário uma maior personalização da busca, mais informações sobre outros perfis e maior alcance, incentivando o consumo para supostamente otimizar as chances de encontro.

Referências

BASTOS, Liliana Cabral; BIAR, Liana de Andrade. **Análise de narrativa e práticas de entendimento da vida social**. *D.E.L.T.A.*, São Paulo, v. 31, especial, p. 97-126, 2015.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2003.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

BUTLER, Judith. **Corpos que importam: sobre os limites discursivos do sexo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

FERRAZ, Cláudia Pereira. **A Etnografia Digital e os Fundamentos da Antropologia para estudos em redes on-line**. Aurora: Revista de Arte, Mídia e Política, v.12, n.35, p. 46-69, jun.-set. 2019.

FERRAZ, Maria Cristina Franco. **Afeto e comunicação: das construções do medo**. Revista Galáxia, n. 35, p. 15-27, 2017. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/28395>. Acesso em: 5 jul. 2025.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade: a vontade de saber**. 1. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1976.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 1995.

GRINDR INC. Form 10-K **Annual Report**, 2025. Disponível em: <https://www.annualreports.com/Company/grindr-inc> Acesso em: 4 jul. 2025.

GROHMANN, Rafael. **Não sou/não curto: sentidos midiaticizados de masculinidade e feminilidade e classe social nos discursos de apresentação do aplicativo Grindr**. Galáxia (São Paulo), n. 39, p. 97-113, 2016.

KARHAWI, Issaaf; PRAZERES, Michelle. **Exaustão algorítmica: influenciadores digitais, trabalho de plataforma e saúde mental**. Reciis – Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde, Rio de Janeiro, v. 16, n. 4, p. 800-819, out./dez. 2022.

KOZINETZ, Robert V. **Netnografia: a pesquisa qualitativa na Internet**. Porto Alegre: Bookman, 2014.

LE BRETON, David. **Antropologia das emoções**. Petrópolis: Vozes, 2009.

LE BRETON, David. **O corpo**. Petrópolis: Vozes, 2016.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas**. Petrópolis: Vozes, 2007.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Teoria das Mídias Digitais: Linguagens, Ambientes e Redes**. Petrópolis: Editora Vozes, 2014.

SILVA JR., Jader Lúcio; FARBIARZ, Alexandre. **Educação, midiaticização e afeto: o professor e a produção de sentido no Instagram**. Inmediaciones de la Comunicación, v. 19, n. 9, p. 139-154, 2024.

SIMON, Luiz Carlos Santos. **Fundamentos para pesquisas sobre masculinidades e literatura no Brasil**. Revista EL, v.16, p. 8-28, jul./dez. 2015.

SOARES, Samara Sousa Diniz; STENGEL, Márcia. **Netnografia e a pesquisa científica na internet**. Psicologia USP, São Paulo, v. 32, e200066, p. 1-11, 2021.

SODRÉ, Muniz. **Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede**. Petrópolis: Vozes, 2002.